

Artificialismo, religião e mídia: notícias sobre “pedofilia”¹

Potiguara Mendes da Silveira Jr.²

Resumo: Aplicação do conceito psicanalítico de “revirão” – fluxo contínuo de reversões e viravoltas da vida mental e do que há (o Haver) – para dar início a um estudo de caso a partir da ideia de que, desde 2010, artigos do jornal O Globo sobre situações de pedofilia em instituições católicas parecem ter mudado sua inflexão acusadora e denunciatória, diminuindo sua característica de “escândalo seletivo” em favor de outro modo de tratar da questão e seus efeitos. Esta virada na inflexão pode ser uma mudança não apenas no tratamento específico da pedofilia, mas também no modo como qualquer tema pode ser considerado se incluir a referência a um ponto extremo – chamado “ponto bífido” – em que todas as valorações se equalizam, disponibilizando assim o surgimento de outros sentidos cuja expressão estava até então obstruída na situação.

Palavras-chave: teorias da comunicação; religião; nova psicanálise

Abstract: This paper uses the psychoanalytical concept of “revirão” – employed to denote the continuous flux of reversions and returns in mental and social lives – to start a case study based on the assumption that, since 2010, the reports of a Brazilian newspaper, O Globo, on pedophilia situations inside Catholic institutions seem to have changed their denouncing and charging inflection, diminishing its “selective scandal” character in favor of another way to treat the matter and its effects. This shifting of inflection is considered according to the idea that our species carries the possibility to refer its actions to an extreme point – called “bifid point” – in which all the valuations become equalized and the expression of other meanings hitherto obstructed may pop up in a given situation.

Keywords: communication theories; religion; new psychoanalysis

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), 06 setembro 2012, Fortaleza/CE. Primeira versão, intitulada “A reversal on the Brazilian media religious scene: communication and psychoanalysis”, apresentada na 29a. Conferência Anual da “International Association for Media and Communication Research” (IAMCR), no grupo de trabalho “Media and the Connectivity in Cities Shaping New Relations with the Religious”, 16 julho 2011, Istanbul, Turquia. Texto desta versão publicado em TranZ: Revista de Estudos Transitivos do Contemporâneo, edição 6, dez. 2011, ISSN 1809-8312, com o título: “Artificialism, religion and media: communication and psychoanalysis”.

² Professor (PPGCOM/UFJF). Doutor (Eco/UFRJ). Psicanalista (NovaMente/RJ). Email: potiguaramsjr@uol.com.br. Lattes: cnpq.br/9347187045034977

1. Artificial / natural

Segundo registros arqueológicos (Leroi-Gourhan [1964]) e observações de antropólogos e pensadores em geral, é cabível dizer que nossa espécie nunca se encaixou como os demais seres vivos ao que encontrou já dado por aí: seus modos e competências não se coadunavam tão imediatamente aos ritmos e condições da “natureza”. Isto certamente a deixou demasiado vulnerável até ir encontrando meios (*media*) para viabilizar seus desempenhos e elucubrações no ambiente frequentemente hostil em que transitava.

Mediante a produção de artefatos é que ela pôde, então, não só assegurar sua sobrevivência ante perigos (catástrofes, predadores...) e variações sazonais (calor, frio...), como também elaborar modos de entendimento sobre si mesma e sobre sua inadaptação ao entorno. Esses artefatos condicionaram sua sobrevivência, tornaram o cotidiano suportável e possibilitaram *insights* cada vez mais complexos da especificidade de seu funcionamento mental – e a condenaram a *criar* como única chance de dar conta da verdadeira “loucura” que a habitava e não cessava de exigir ultrapassagens dos limites que tivesse atingido. Mais que isso, não havia um limite que a satisfizesse como parecia ocorrer com os demais seres, que não se importavam em continuar sendo o que eram, já que pareciam saber de algum modo o que eram de fato. Se a um cão, por exemplo, até onde percebemos, não ocorre voar como um pássaro, nossa espécie é acossada por esta possibilidade bem cedo em sua história – e muito se fez até o “mais pesado que o ar” superar a pressão da lei da gravidade e alçar voos mais altos que os dos pássaros.

O hábito tem sido considerar a ideia de *artificial* em oposição à de *natural*. A forte característica da espécie sempre pareceu ser a produção artificiosa (cultura, símbolos) e de outro tipo seriam as produções existentes desde tempos imemoriais (terra, fauna, flora). Em meados do século 20, a diferença artifício / natureza se rebate naquela entre natureza / cultura, a qual vem embasar o pensamento chamado estruturalista (Lévi-Strauss [1947]; Dosse [1992]: v.2). Este pensamento, por sua vez, leva essas diferenças às últimas consequências – o que, no fim das contas, resultou

em esgotar sua utilidade como efetiva distinção. E hoje³, após esse percurso, podemos ficar à vontade para exercitar modos de pensar que não tomam essas demarcações como matrizes obrigatórias para suas concepções e operações.

2. Artificialismo: as idioformações

Então, a partir dos anos 1980, pode-se afirmar – como faz a Nova Psicanálise⁴, que é nossa referência de pesquisa – que: *tudo é artifício* (Magno [1982], 62)⁵. Afirma-se, pois, que “o que há é artifício” – e veremos a seguir algumas implicações do verbo “haver” aí colocado.

São artificios de dois tipos. Há aquelas formações de origem desconhecida, que já estavam aí (água, ar, terra...), muitas delas com funções necessárias para as próprias possibilidades de vida e reprodução tal como as conhecemos. Mas, à medida que se tem tecnologicamente descrito em maiores detalhes os elementos de seus processos de produção, verifica-se que a constituição dessas produções também é da ordem de *articulação*. Por isso, podem ser categorizadas como *artifícios espontâneos*. E há também aquelas formações de outro tipo, chamadas de *artifícios industriais* (pensamentos, artefatos, próteses) por explicitamente resultarem de operações executadas por seres de nossa espécie⁶. São artificios que têm promovido intervenções e transformações na própria espontaneidade das demais formações.

Podemos, portanto, dizer que *a natureza da natureza é artificial*⁷. Além disso, em nosso ambiente sociotecnológico – híbrido, multiconectado, multiacessável e com as fronteiras se atenuando a cada dia entre suas regiões –, o que vemos é a vigência de um *artificialismo* amplo (Silveira Jr., 2006), em todos os níveis, a ponto de tornar ineficaz o uso do termo ‘natural’ para descrever qualquer procedimento da espécie.

³ Cf., por exemplo, (Castells [1996], 505): “Estamos entrando em um novo estágio em que a Cultura refere-se à Cultura, tendo suplantado a Natureza a ponto de a Natureza ser renovada [‘preservada’] artificialmente como uma forma cultural”.

⁴ Criada nos anos 1980 por MD Magno (cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/MD_Magno).

⁵ “A conclusão a se tirar (...) é a de que não há distinção entre natureza e artifício: *tudo é artifício*, construção, logo *tudo é natural*” (Magno [2006], 94).

⁶ “Não conhecemos nenhuma outra espécie que, [...] por poder conceber isso que é chamado de natureza como mero artifício, reartificializa esse artifício” (Magno [1981], 109).

⁷ “... e a natureza é artificial...” (Magno [1985], 42).

O termo *Fatureza*⁸ é mais preciso para designar o ambiente das emergências do que há (do *Haver*, conceito básico da nova psicanálise [cf. item 4 abaixo]), no qual ocorrem as movimentações desses seres que, para além de sua base biológica, têm sido referidos como deuses de prótese (Freud [1930], 111), como extensivos aos meios de comunicação (McLuhan [1964]), como pós-humanos, pós-orgânicos, ciborgues... Daí a nova psicanálise os incluir não mais entre os chamados “humanos”, mas entre o que denominou *idioformações* (Magno [1995], 229s), que são formações que dividem muitas de suas características com os demais seres vivos, mas que, além delas, portam a disponibilidade de, diante de qualquer coisa, exigir seu contrário, suspender suas diferenças e limites. Enfim, dizer *não*. Foi esta disponibilidade que Freud detectou no Inconsciente em geral, no funcionamento dos sonhos em particular, e que tomou como fato inerente à nossa competência mental.

O conceito de idioformação se refere a qualquer formação – conhecida ou desconhecida por nós (um ser extraterrestre ou uma máquina pensante, por exemplo) – que tenha esta competência de suspender e mesmo virar pelo avesso o que é dado. Então, ainda que apenas observemos esse funcionamento suspensivo nos seres biológicos, de base carbono, que somos nós, o âmbito conceitual da nova psicanálise não se restringe ao “humano”, e sim trata da *espécie das idioformações*, seja qual for seu formato ou planeta de origem.

3. Revirão: neutralização e passagem

Afirmam-se mais duas coisas. Primeiro, que o processo de funcionamento da *Mente* – entendida como instância que abrange o que há em geral, que é relacional e transacional, sem dentro ou fora – é o da *fatura*. Processo este que se presentifica de vários modos no *Haver*. Segundo, que as *Pessoas*⁹ (Magno [2005], 109), não se sabe por que, também portam esse processo da mente em sua própria constituição. Ela, a mente, não depende das pessoas para haver e operar, mas as pessoas têm sido as únicas formações conhecidas que, tal qual ela, diante do que quer que haja ou venha a haver (ainda que apenas em pensamento), opera conjeturando sobre a possibilidade de o oposto daquilo também (vir a) haver. Isto ocorre porque é inerente à sua

⁸ “... o que quer que haja, é DEUS pensando: FATUREZA...” (Magno [1985], 38).

⁹ Nome dado às idioformações de nosso caso terrestre.

operação a possibilidade de passagem por um ponto neutro – chamado “ponto bífido” – em que as diferenças entre as formações são suspensas e seus opostos, seus contrários, o não-elas, se tornam, mesmo que por um instante, disponíveis – e portanto passíveis de inclusão nas situações, dando assim oportunidade a transformações e avessamentos.

Chama-se de *revirão*¹⁰ (Magno [1982]) a esta competência operacional da mente de, além de propor oposições, neutralizá-las e disponibilizar passagens de um polo a outro em continuidade. O revirão abrange o que pensadores, escritores e artistas sempre descreveram como as reversões e viravoltas recorrentes na história da humanidade (amor passar a ódio, vencidos a vencedores... e vice-versa), mas é, sobretudo, a operação que rege as transformações criadoras e inovativas da espécie. Toda transformação supõe o recurso a e o percurso por esse lugar de neutralidade em que a heterogeneidade aparentemente intransponível das formações se desfaz¹¹ diante da *homogeneidade*, que, esta, é uma característica básica do campo do Haver (cf. item 4 abaixo). Freud se interessou por atos falhos, chistes e sonhos justo por ver neles um lugar privilegiado de funcionamento desses fluxos, refluxos e mudanças entre as formações, quaisquer que fossem, a ponto de se *in-diferenciar* e não mais sabermos quais são quais, ou quais são o quê, abrindo, como dito acima, possibilidades de surgimento de novos sentidos e encadeamentos para as situações.

Hoje, com a tecnologia e a transfusão comunicacional em expansão, cabe estender o alcance dessa competência de *in-diferenciar* ao próprio Haver em geral, não mais a restringindo às formações psíquicas que Freud investigou. A possibilidade de in-diferenciação passa a ser pensada como disponível¹² ao que há em geral, desde que tenha investimentos adequados (de tempo, de dinheiro, por exemplo). É o caso da produção da primeira célula sintética de bactéria pelo grupo do geneticista norte-americano Craig Venter, considerada por alguns a primeira produção de “vida

¹⁰ Para definição didática e ampliada do conceito, cf.:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Revir%C3%A3o>

¹¹ Por exemplo, no caso da produção de anti-matéria a partir da suspensão pontual da hegemonia da matéria no Grande Colisor de Hadrons (LHC, em inglês) situado próximo a Genebra, na Suíça.

¹² Disponível diretamente, no caso das idioformações, e indiretamente, no caso das demais formações que apenas sofrem os efeitos das in-diferenciações que se produzem no Haver.

artificial”¹³, que pode ser vista como indicação tanto do esvaziamento, mediante tecnologia, da diferença entre natural e artificial, quanto da afirmação do artificialismo como característica básica do modo de funcionamento das pessoas e do Haver.

4. Haver e Ser

Partindo, então, da constatação psicanalítica de um artificialismo amplo em vigor nos processos do que há em geral, tomaremos aqui o conceito de *Haver* como matriz para nossas considerações, o que implica utilizar um aparelho conceitual diverso dos modos mais usuais de reflexão, aqueles da tradição filosófica ocidental, que abordam seus “objetos” sob a perspectiva do Ser, isto é, aqueles que investem na descrição dos fenômenos sobretudo mediante recursos discursivos, languageiros.

O Haver é distinto do Ser. É, antes de mais nada, uma *experiência* (Magno [2006], 108). A nova psicanálise considera esta experiência como sendo comum a todos e cada um: cada pessoa tem a experiência de que *há*, de que está condenada a haver e de que não tem saída possível deste fato imediato. É uma experiência de contato direto com o Haver, cuja expressão em sua inteireza e em seu impacto não é possível mediante os aparelhos simbólicos (as línguas, os discursos) usados nas reflexões sobre o Ser. Mas, além dessa experiência de presença, de estar aqui absolutamente sozinho, sem saber por que – e que é o que cada um chama de “Eu” –, há também a experiência que cada um tem de haver as coisas, as formações.

Pensar estas duas posições da experiência de Haver – de presença de “Eu” e de haver formações – decorre do conceito de Pulsão (*Trieb*), que Freud ([1920]) chamou de “pulsão de morte”. Chamou assim para descrever o que detectava, na vida orgânica e no psiquismo, como pressão compulsiva, repetitiva e tendente a reduzir a zero qualquer excitação que surgisse¹⁴. Hoje, sobretudo após os desenvolvimentos da termodinâmica, as pesquisas sobre a supersimetria, etc., não é mais necessário associar a pulsão a alguma “morte”, como queria Freud, pois é possível pensar que

¹³ Lê-se na primeira página do jornal O Globo, de 21 maio 2010, a manchete: “Criada vida artificial”, seguida de: “Genoma sintético gera nova forma de organismo e muda biologia”.

¹⁴ Freud (1920) identifica esta tendência ao analisar o que ocorre na transferência entre analista e analisando, nos sonhos traumáticos dos neuróticos de guerra e nas brincadeiras das crianças.

essa compulsão repetitiva está a serviço da pressão de um movimento ubíquo, ineliminável, constante, cujo sentido último é o de sua própria extinção enquanto movimento.

Para expressar esse sentido pulsional, de extinção absoluta do que há, a nova psicanálise enuncia uma Lei geral para o movimento do Haver: “Haver (A) desejo de não-Haver (Ã)”, que se formula como: $A \rightarrow \tilde{A}$. Note-se que esta Lei diz que só há desejo de não-Haver, e não de Haver, o que descarta qualquer definição edificante para a “vida”. Esta é vista apenas como *resistência* ao sentido do movimento do Haver. Movimento este que é, a rigor, inconsecutível, pois não há como levá-lo a um fim – isto é, a efetivamente não mais haver e ainda continuar desejando não-Haver –, só lhe restando, então, permanecer indo a um ponto máximo de intensificação, de exasperação, não conseguir não haver, revirar para “dentro” de si mesmo por ausência de saída (pois o não-Haver, como diz o nome, não há), avessar os sentidos de suas polarizações, continuar nesse impulso constante de buscar não haver, não conseguir, revirar de novo...

Podemos esquematizar essas operações utilizando graficamente o percurso longitudinal sobre uma banda ou cinta de Moebius. Como é sabido, nesse percurso, chamado de oito-interior, há a passagem em continuidade de um lado ao “outro”¹⁵:

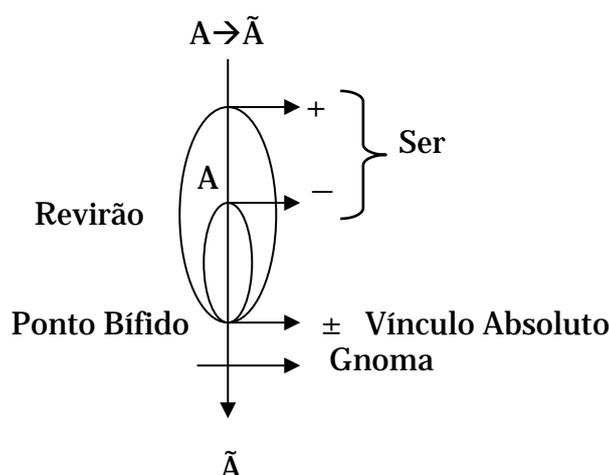


– percurso longitudinal –

¹⁵ Na cinta de Moebius, um ponto inicial de uma linha desenhada no meio se encontrará com este ponto, mas no “outro lado”.



Uma vez que há esta passagem de lados, a própria ideia de “lado” é suspensa (a cinta de Moebius tem apenas um lado). Se continuada, a linha chegará ao ponto inicial e terá o dobro da largura da cinta original. Esta única e contínua curva mostra que a cinta tem, também, apenas uma borda.



Temos, então, o Haver (A) como um plano de imanência das formações, cujo sentido se dirige (\downarrow) a um transcendente que não-Há (\tilde{A}). Trata-se aí de uma transcendência, que, por não haver, tem como consequência a suspensão das oposições (+/-) num ponto de indiferenciação, chamado “ponto bífido” (\pm), que é o ponto extremo do Haver como experiência indizível no âmbito do Ser, como “experiência de haver sem discurso” (Magno [2006], 108). Um *vínculo absoluto* – portanto não “relativo” a formações discursivamente descritas, por melhores que pareçam ser – é pensável como ligação (comunicação) das pessoas não entre si, mas a esse lugar indiferenciante que cada um já experimentou pelo menos uma vez e que é, como dissemos, onde se intensifica e se exaspera a única diferença impossível de ser eliminada, aquela entre Haver e não-Haver (A/ \tilde{A}).

Retomando os apontamentos teóricos apresentados, temos o axioma da pulsão, expresso na Lei “Haver desejo de não-Haver”, a partir do qual se postula que: (a) o Haver (A) funciona em Revirão sem fim consecutível, pois o não-Haver (\tilde{A}) não há; e que (b) o Haver se define como sendo tudo que ocorre para alguém do lugar em que se exaspera a diferença última entre Haver e não-Haver (A/ \tilde{A}), lugar este denominado *Gnoma* no esquema acima.

5. Pedofilia e mídia

Articulando o Haver com o que foi apresentado sobre o revirão como operação em que se disponibiliza a passagem em continuidade entre as oposições, faremos algumas observações sobre as repercussões midiáticas de acontecimentos que envolvem certas práticas ligadas a uma instituição religiosa. Se aceitarmos, então, (a)

que o que há, o Haver, é regido por um artificialismo amplo (espontâneo e industrial), e (b) que o revirão é seu modo específico de funcionamento, teremos à disposição duas ideias para nortear o início de um estudo de caso, que pretendemos continuar acompanhando mediante o monitoramento de seus desdobramentos.

Retornemos, então, a um tema já tratado em outros momentos (Silveira Jr., 2002, 2006 e 2007; Alonso, 2009), mas cujas manifestações recentes, de dois anos para cá, podem evidenciar aspectos que antes não se mostravam com a devida clareza. Trata-se do discurso sobre a pedofilia na mídia, especificamente no jornal *O Globo*. Nosso foco se monta a partir de três matérias veiculadas dias 3, 5 e 6 de maio de 2010. Na primeira, Carlos Alberto di Franco, escrevendo sobre *A crise do jornalismo*, diz:

(...) Setores da mídia definiram os abusos [sexuais na Igreja] com uma expressão claramente equivocada: 'pedofilia epidêmica'. O exame sereno mostraria, acima de qualquer dúvida, que o número de delitos ocorridos é muito menor entre padres católicos do que em qualquer outra comunidade. (...) em várias décadas, apenas cem sacerdotes foram denunciados na Itália, enquanto seis mil professores sofriam condenação pelo mesmo delito. Na Alemanha, desde 1995, existiram 210 mil denúncias de abusos. Dessas 210 mil, 300 estavam ligadas ao clero, menos de 02%. Por que só nos ocupamos das 300 denúncias contra a Igreja? Trata-se, como já afirmei, de escândalo seletivo. (...) A má qualidade da cobertura da pedofilia na Igreja é a ponta do iceberg de algo mais grave. Não existe crise da mídia impressa. Existe sim, uma grave crise no modo de fazer jornalismo...

Dois dias depois, lemos: *Arcebispo afirma: 'A sociedade atual é pedófila'*. E abaixo do título: *Para dom Dadeus Grings, denúncias de abusos são mais frequentes entre médicos e professores do que entre padres*. O contexto é o da 48ª Assembleia Geral da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB):

– A sociedade atual é pedófila, esse é o problema. Então, facilmente as pessoas caem nisso. E o fato de denunciar isso é um bom sinal – disse.

Dom Dadeus, de 73 anos, criticou a liberalização da sexualidade por 'gerar desvios de comportamento', entre os quais a pedofilia. Para ele, assim como homossexuais conquistaram mais espaço e direitos, o mesmo poderá ocorrer com pedófilos.

– Quando a sexualidade é banalizada, é claro que isso vai atingir todos os casos. O homossexualismo é um caso. Antigamente não se falava em homossexual. E era discriminado. Quando começa a (dizer) que eles têm direitos, direitos de se manifestar publicamente, daqui a pouco vão achar os direitos dos pedófilos – disse.

O arcebispo foi escalado pela CNBB para conceder a primeira entrevista coletiva da conferência, com outros três bispos. (...)

Dia seguinte, publica-se que, segundo o porta-voz da 48^a. Assembleia Geral da CNBB, dom Orani Tempesta, a “CNBB desautoriza frase de bispo sobre pedofilia”.

Mas, na linha do arcebispo gaúcho, [a CNBB] procurou dividir com a sociedade a responsabilidade pelos abusos sexuais praticados por religiosos.

– A gente não compartilha essa ideia de acusar ninguém, mas é claro que ela (Igreja) sofre da realidade do mundo, da própria sociedade de hoje – disse dom Orani. (...)

Acompanhemos agora a trajetória dessas três matérias segundo a ideia geral de que o movimento de expressão das formações no Haver, ainda que estas estejam bem diferenciadas de início, deslança inevitavelmente um processo que, à medida que se desenrola, vai esgarçando suas diferenças até um ponto em que se confundem. Isto é inevitável, é parte da própria dinâmica do movimento, e independe dos interesses dos envolvidos nas situações.

Desde a primeira matéria, já temos uma virada no modo como o tema vinha sendo abordado pela mídia. Se a Igreja era até então enfatizada como vilã maior, agora apronta-se um cenário em que ela se apresenta como minoritária. Mas, para tanto, foi preciso fazer o tema extrapolar seus muros, dar um passo no sentido não apenas de relativizar o peso que se jogava sobre o clero, mas, sobretudo, de expor mais amplamente a questão da pedofilia e suas consequências.

Na segunda matéria, as posições se avessam. De acusada, a Igreja passa a acusadora: “a sociedade é pedófila”. Como não pode sustentar esta acusação além de certo ponto – caso contrário, teria que admitir que o pecado é generalizado e a salvação impossível –, ato contínuo lança a ameaça de que os pedófilos, como os homossexuais, venham a conquistar “mais espaço e mais direitos”. Recorre-se ao

horror que seria sequer pensar em tal fato... As sociedades pró-homossexuais imediatamente se manifestaram contra esta associação com a pedofilia. Portanto, mais um grupo de atores sociais é incluído no jogo das formações.

A terceira matéria desautoriza as declarações do arcebispo. Já se pôde constatar, no espaço de apenas um dia, que elas podem retornar com mais força ainda contra a Igreja. Vê-se que, como dissemos, a expressão das formações não tem como impedir, em seu desenrolar, que as oposições cheguem a um ponto em que seus sentidos se confundem, podem ir em qualquer direção (inclusive contra si mesmas), e que, na sequência, será preciso lidar com uma situação reconfigurada e acrescentada de novos elementos.

Senão, vejamos trechos de outra matéria. Esta, de página inteira, publicada na seção “O Mundo”, em 17 de dezembro de 2011 n’O Globo, p. 54, um ano e meio depois das mencionadas acima. Foi intitulada: ‘Abuso disseminado’ (assim, entre aspas), com o subtítulo: *Bispos pedem perdão após comissão revelar até 20 mil vítimas de pedofilia na Holanda*. O que interessa para fins de nosso acompanhamento do caso é que, depois do relato da “divulgação de um relatório¹⁶, ontem, mostrando que até 20 mil crianças foram molestadas nos últimos 65 anos em instituições católicas no país” e a “falha das autoridades eclesiásticas em lidar com o problema”, lemos que:

...o estudo, no entanto, revela que os casos não se restringem a instituições católicas, mostrando a pedofilia ‘disseminada na sociedade holandesa’.

(...)

Mas a comissão conduziu ainda uma pesquisa mais ampla, entrevistando 34 mil pessoas com mais de 40 anos, para ter uma ideia melhor do alcance da pedofilia na Holanda. O resultado foi surpreendente, e estima que uma em cada dez pessoas sofreu algum tipo de abuso no país quando criança. Esse índice sobe para uma em cada cinco quando se leva em conta apenas crianças que tenham passado por instituições – sejam estas católicas ou não. ‘O abuso sexual de menores é disseminado na sociedade holandesa’, diz o informe.

¹⁶ “Encomendado pela Conferência dos Bispos e pela Conferência Religiosa Holandesa ao ex-ministro da Educação, Wim Deetman”.

No que diz respeito a O Globo, parece claro que a mudança na abordagem da questão, que supomos ter ocorrido com a publicação das três matérias citadas antes, abriu caminho para novos sentidos, que, por sua vez, redistribuem o peso dado às formações em jogo na situação com consequências antes impensadas. Com isso, temos a possibilidade – mera possibilidade, sem obrigatoriedade – de reconhecer e recolher elementos que, por não estarem disponíveis antes, impediam esclarecimentos mais amplos do tema geral da pedofilia, em que o caso do clero revela apenas um pedaço das implicações mentais, sociais, políticas e individuais envolvidas.

Então, de início, apresentamos o momento de passagem de uma posição em que o modo de abordagem pela mídia é questionado pela própria mídia, o que, em seguida, dá ao clero oportunidade de – ao invés de questionar-se – rapidamente passar de acusado a acusador, na tentativa de distribuir a situação da pedofilia à sociedade por inteiro. Isto não foi suficiente para que a posição de acusador pudesse ser sustentada, mas já bastou para indicar que a mídia e os acusadores, admitindo ou não, estavam inseparavelmente concernidos na situação. Ou seja, a situação está evidentemente transformada, e isto terá efeitos em seu desenrolar futuro.

* * *

O estudo de caso continua. Continua a tarefa de monitorar os modos como a pedofilia – tanto como questão geral quanto relativa às práticas do clero – é apresentada na mídia (especificamente, n'O Globo) na sequência dessas notícias que mapeamos.

Da exposição teórica inicial, foram utilizados apenas alguns conceitos mencionados. Isto é proposital, pois os objetivos de nossa pesquisa, a longo prazo, concernem a questões mais amplas. Por exemplo, ao fato de que as religiões cada vez mais se depararão com a tarefa de dar conta dos conteúdos com que buscaram preencher o lugar de exasperação (Gnoma), mencionado no item 4 acima, para construir seus dogmas e exigir obrigações e obediências¹⁷. As posições assumidas pela pesquisa são: tomar esse lugar como imprenchível; considerá-lo artificialmente, isto

¹⁷ Tarefa, aliás, impossível, dispendiosa e mesmo inútil, pois quaisquer conteúdos ali colocados são apenas vicários e incapazes de cumular o radical deste lugar.

é, pensar qualquer conteúdo como apenas provisório e relativo; reconhecer que o Haver é exasperado pela impossibilidade absoluta de passar a não-Haver, o que torna indefectível a pura artificialidade (cf. item 2) para dar alguma conta desta exasperação (item 4); e considerar o revirão (com seu ponto bífido indiferenciante) como modo de funcionamento específico do Haver e das pessoas (item 3).

Supomos que estas sejam posições adequadas para entender a dinâmica dos fluxos e transformações que caracterizam os tempos atuais, que não se deixam prender aos conteúdos progressos, políticos, filosóficos, religiosos, etc., por mais eficazes e tranquilizadores que pareçam ter sido anteriormente.

Referências¹⁸

- ALONSO, Aristides. *A mídia, o público e a pedofilia*. Observatório da imprensa, 07 jun 2009.
<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=545FDS007>
- _____. Aspectos do verbo Haver e seu uso na Nova Psicanálise. *Tranz*: Revista dos Estudos Transitivos do Contemporâneo, v. 5, 2010. Acessar:
http://www.tranz.org.br/5_edicao/TranZ10-Aristides-VerboHaver-RevMD.pdf
- CASTELLS, Manuel. [1996] *A sociedade em rede*. 4ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- DOSSE, François. [1992] *História do estruturalismo*. V.II: O canto do cisne. São Paulo: Edusc, 2007.
- FREUD, Sigmund. [1930] *Mal-estar na civilização*. ESB, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 75-171
- _____. [1920] *Além do princípio de prazer*. ESB, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 13-85
- LEROI-GOURHAN, André. [1964] *Le geste et la parole. Technique et langage*. Paris: Albin Michel, 1975.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. [1947] *Les structures élémentaires de la parenté*. Paris: Mouton, 1973.
- MAGNO, MD. [2006] *AmaZonas: a psicanálise de A a Z*. Rio de Janeiro: Novamente, 2008.
- _____. [2005] *Clavis Universalis: da cura em psicanálise ou revisão da clínica*. Rio de Janeiro: Novamente, 2007.
- _____. [2002] *Psicanálise: Arreligião*. Rio de Janeiro: Novamente, 2005.
- _____. [1996] *“Psychopathia Sexualis”*. Santa Maria/RS: Editora UFSM, 2000.
- _____. [1995] *Arte e Psicanálise: estética e clínica geral*. Rio de Janeiro: Novamente, 2008.

¹⁸ As datas entre [colchetes] se referem às datas de sua primeira publicação / comunicação pelo autor.

-
- _____. [1992] ***Pedagogia Freudiana***. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- _____. [1985] ***Grande Ser Tão Veredas***. Rio de Janeiro: Novamente, 2006.
- _____. [1982] ***A Música***. Rio de Janeiro: Aoutra, 1986.
- _____. [1981] ***Est'Ética da Psicanálise*** (Parte II). 2ed. Rio de Janeiro: Novamente, 2005. E-book
- McLUHAN, Herbert Marshall. [1964] ***Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem (Understanding Media)***. São Paulo: Cultrix, 1969. Trad.: Décio Pignatari
- SILVEIRA Jr., Potiguara Mendes da. ***Um fato midiático: o pornoerotismo do Caderno Rosa***. TranZ: Revista dos Estudos Transitivos do Contemporâneo, edição 2, dez. 2007. http://www.tranz.org.br/pdf_2/potiguara_cadernorosa.pdf
- _____. ***Artificialismo total. Ensaios de transformática. Comunicação e psicanálise***. Rio de Janeiro: NovaMente, 2006.
- _____. ***Pedofilia, psicanálise e mídia***. Observatório da imprensa, 31 jul 2002. <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/ofjor/ofc310720024.htm>